

O Nascimento da Antropologia Cultural

Márcio Sampaio de Castro
Valor, 25.03.11

**AAA Excepcional / AA+ Alta qualidade / BBB Acima da média
/ BB+ Moderado / CCC Baixa qualidade / C Alto risco**

Boas: Freyre o reconhece como mestre decisivo no prefácio de "Casa Grande e Senzala"

Exatos 99 anos. Esse é o tempo que um dos maiores clássicos da antropologia mundial demorou para ser lançado no Brasil. Editado originalmente em 1911, mais de uma década antes da ascensão na Europa dos regimes fascistas de orientação eugenista, "A Mente do Ser Humano Primitivo", de Franz Boas, surgiu como uma obra absolutamente inovadora em sua época e, sob muitos aspectos, em tempos de recrudescimento dos discursos e práticas xenófobas nos dois lados do Atlântico Norte, mantém-se extremamente atual.

Ao estabelecer a cultura e, portanto, a etnologia como método de análise dos diversos grupos humanos ao redor do planeta, o livro contribuiria para estabelecer a linha de frente contra o discurso racializante, inaugurado ainda no século XIX e teria nos horrores da Segunda Guerra o palco mais explícito de sua nefasta retórica.

Muito dessa inovação se deve à trajetória bastante peculiar de seu autor. Filho de uma família judia alemã liberal, Boas conheceu já no período do unificador Bismark o sopro fétido do antissemitismo. Durante o curso de física, iniciado em Bonn e, posteriormente, concluído com um doutorado na Universidade de Kiel, o jovem estudante se viu envolvido em diversos duelos, uma prática muito comum na época. Alguns deles, segundo seus biógrafos, motivados por provocações relacionadas à sua origem.

Desse período certamente resultaram a indignação contra as mais variadas formas de preconceito e a lógica analítica de um físico transposta posteriormente para as ciências humanas. Essa transposição começaria a se cristalizar em 1883, após uma temporada de 12 meses vivendo com um grupo indígena ao norte do Canadá. Uma experiência notável para o fim do século XIX (e mesmo em nossos dias), a partir da qual Boas aprendera a relativizar a visão dos grupos humanos. Conforme anotou em seu diário na época, os conceitos de "civilização", "boa sociedade", "educação" e

"selvageria" tornavam-se extremamente voláteis à medida que conviviam mais intensamente com os esquimós inuítes.



O último e definitivo ato dessa trajetória seria a mudança para os Estados Unidos três anos depois da sua experiência canadense. Seu primeiro emprego em solo americano seria o de editor-assistente da revista "Science", então uma novidade no mercado editorial acadêmico. O envolvimento de Boas com a antropologia era crescente e dez anos após sua chegada ao país, ele seria convidado para a curadoria das coleções etnológicas no American Museum of Natural History. Mas seria à frente da cátedra de antropologia na Columbia University, que seu grande livro seria gestado.

"A Mente do Ser Humano Primitivo" inaugurou a linha que se tornaria conhecida como antropologia cultural, uma visão frontalmente oposta ao evolucionismo cultural, muito em voga na época, que tinha no etnocentrismo europeu o modelo máximo do desenvolvimento humano no planeta. Muito antes dos avanços da ciência genética, Boas escreveria em seu livro: "Creio que se pode afirmar com certeza que em todo o mundo a unidade biológica - deixando de lado pequenas diferenças locais - é muito maior do que a unidade linguística".

Para ele, o desenvolvimento dos diversos grupos humanos se deveria às inúmeras variáveis ambientais do planeta e, conseqüentemente, aos desafios impostos por elas, o que, de per si, inviabilizaria qualquer comparação evolutiva entre os povos, e não à especificidade de um determinado biótipo.

Em 1938, enquanto Hitler propugnava aos quatro ventos a superioridade da raça ariana, o livro receberia uma edição ampliada e revisada com trechos claramente construídos para oferecer uma resposta ao discurso nazista. É essa versão que chega agora ao público brasileiro.

É claro que há lacunas no pensamento boasiano, como os próprios discípulos estabeleceriam posteriormente ao abolir o conceito de raças humanas, termo amplamente empregado no texto, substituindo-o conceitualmente pela concepção de etnias. Mas o que causa espanto mesmo é saber que um livro referência para um dos

principais intérpretes do Brasil, o pernambucano Gilberto Freyre, tenha demorado tanto para ser publicado por aqui.

Freyre destaca no prefácio da primeira edição de sua obra seminal, "Casa Grande e Senzala", a figura de Boas como mestre decisivo para o desenvolvimento do eixo fundamental de todo o seu pensamento a respeito do país e da mestiçagem brasileira. Trabalho que representou uma ruptura e tanto para os idos dos anos 1930 em um país ainda fortemente marcado pela sombra do escravismo recém-abolido e intelectualmente dominado pelas teorias eugenistas.

Esse é apenas um exemplo de por que "A Mente do Ser Humano Primitivo" se converteria em um marco das ciências humanas, conferindo ao antropólogo alemão o epíteto de "pai da antropologia moderna".